

Novas fitas agitam Congresso

Oposição defende CPI da Telebrás e até impeachment de FH, mas Governo age mais rápido

Roberto Stuckert Filho

Catia Seabra, Cristiane Jungblut,
Monica Gugliano e Rudolfo Lago

BRASÍLIA

A divulgação ontem, pela "Folha de S.Paulo", do conteúdo de novas fitas do grampo feito no BNDES às vésperas do leilão da Telebrás, sugerindo que o presidente Fernando Henrique teria autorizado manobras que visariam a beneficiar o consórcio encabeçado pelo banco Opportunity (*íntegra do que disse o presidente na página 5*), abriu um novo front no Congresso entre oposição e aliados do Governo.

— A interferência do presidente Fernando Henrique no leilão da Telebrás foi indevida — disse o líder do PT na Câmara, José Genoíno (SP).

Ao tomar conhecimento das gravações, deputados e senadores de oposição deram início à coleta de assinaturas para abrir a CPI da privatização da Telebrás, além de um requerimento para dar início ao processo de impeachment de Fernando Henrique, por crime de responsabilidade.

Mas o Governo agiu rápido. Depois de uma manhã em que os líderes governistas aparentaram certa surpresa, à tarde já havia unidade de discursos. Uma operação-abafa, comandada pelo próprio presidente, pôs fim, à noite, a qualquer esperança de uma CPI ou do impeachment.

Durante o dia todo Fernando Henrique movimentou-se. Telefonou para os líderes governistas, além dos presidentes do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), e para o ministro da Justiça, Renan Calheiros, a quem pediu pressa na identificação dos autores do grampo no BNDES. Aos políticos, ordenou que adotassem um discurso comum em sua defesa. Antônio Carlos afirmou:

— Isso não é uma bomba, é um traque. Não há nada nos diálogos que incriminem ou comprometa o presidente da República. Falei com Fernando Henrique e ele recebeu as notícias com a tranquilidade de quem sabe que no cargo está sujeito a sofrer essas acusações. E responde se achar necessário. Com fleuma — disse o senador, chamando de idiota o requerimento de impeachment da oposição.

Temer também o descartou:

— O que há ali é um auxiliar informando o presidente sobre operações e ações tomadas. Nada além. Pode-se imaginar até uma investigação. Mas impeachment é um exagero.

Líderes reconhecem possibilidade de desgastes

Depois de conversar com Temer e Antônio Carlos, Fernando Henrique telefonou para o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE). Lembrou a Inocêncio que só participara de dois diálogos publicados. Num deles, Fernando Henrique autorizava que o então presidente do BNDES, André Lara Resende, usasse seu nome para convencer a direção do Fundo de Previdência do Banco do Brasil, Previ, a participar do consórcio integrado pelo Opportunity na compra da Tele Norte Leste. Aos líderes, Fernando Henrique recomendou que enfatizassem uma frase sua, na qual manifesta preocupação com os serviços que a vencedora prestaria aos usuários de telefone.

— Não tem absolutamente nada, nada — disse Fernando Henrique ao líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG).

— Presidente, vamos partir para a ofensiva — respondeu Aécio.

— É bom — reagiu o presidente.

Os governistas estabeleceram, então, um rodízio para discursos em plenário. A idéia era que, a cada momento, um líder ocupasse a tribuna em defesa do presidente. Embora só tenha começado no início da tarde — até porque muitos parlamentares só chegam a Brasília na terça-feira — a estratégia obteve certo êxito. Mas, surpresos com o teor das fitas, os líderes reconhecem que sua divulgação produz graves desgastes, num momento de fragilidade política.

— Todo Governo tem muita gente que quer descarrilar. Essa instabilidade, todo mundo, em todos os governos, procura fazer. Cabe ao presidente fazer como está fazendo. Não deixar que o carro saia dos trilhos — disse Antônio Carlos, que condenou a linguagem adotada pelas autoridades nas conversas.

— O momento não é bom. É óbvio que isso é ruim. Houve uma ação para garantir maior resultado para o consumidor. Mas nada lesivo ao patrimônio — disse Aécio.

Os líderes governistas concordam e também fazem uma crítica velada ao estilo de Fernando Henrique:

— Fica clara a inadequação da linguagem de autoridades e que o presidente tem um estilo que permite as pessoas fazerem tudo — comentou o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima.

— Não há nada que incrimine o presidente. Ele só concordou daquele jeito, como é o estilo dele — ponderou Inocêncio.

Embora não tenha poupado o tucano Luís Carlos Mendonça de Barros, ex-ministro das Comunicações, nem André Lara Resende — acusando-os de terem envolvido Fernando Henrique — o presidente do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), também rejeitou as chances de uma CPI. Segundo Jader, essas denúncias são investigadas pelo Ministério Público desde o fim do ano passado, quando Mendonça de Barros e André Lara foram afastados. E, sem o apoio do PMDB, o maior partido do Senado, não há CPI na Casa. Tanto é que ontem a oposição só tinha reunido 16 das 27 assinaturas necessárias para a instalação de uma CPI no Senado.

— É lamentável que tivessem envolvido o presidente nisso. Não imagino que o presidente entendesse que estavam dirigindo a privatização — disse Jader.



FERNANDO HENRIQUE em palestra na CNI ontem. "Não tem absolutamente nada, nada", disse ele ao líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves, elogiando a ofensiva da base